

8. **Petróleo** Extração vai exigir a construção de 35 embarcações de grande porte e 185 barcos de apoio

Pré-sal pode dobrar produção de óleo

Cláudia Schüffner
De Rio

O início da produção de petróleo e gás nos campos do pré-sal da bacia de Santos, que deve começar por Tupi, trará grandes chances e desafios para o Brasil. O país pode saltar da 15ª posição para um lugar ainda não definido na lista de maiores detentores de reservas de petróleo do mundo. A Petrobras planeja aumentar sua atual produção, de 2 milhões de barris de petróleo por dia, para quase 4 milhões de barris em 2020.

Isso é mais do que duplicar a quantidade de petróleo extraído, já que os campos em operação hoje sofrem um declínio da ordem de 7% a 10% a cada ano. Para fazer frente a essa redução é cumprir seu planejamento estratégico, a Petrobras terá que aumentar em 3,5 mi-

lhões de barris por dia sua produção no pré-sal e fora dele.

O presidente da estatal, José Sérgio Gabrielli, faz um exercício em que supõe que todo esse petróleo seja produzido através de plataformas do tipo FPSO, com capacidade de produzir e processar 100 mil barris cada uma. Nesse caso, a pro-

"As perspectivas de reservas vão mudar a escala de operação das encomendas, da manutenção e de tudo"

dução vai requerer a necessidade de construção de 35 embarcações de grande porte. Considerando ainda que cada uma necessita de cinco barcos de apoio, é possível estimar uma necessidade de se

construir 185 barcos de apoio apenas para esses sistemas. "Isso sem contar os investimentos em, cinco novas refinarias, com impactos sobre a logística, capacidade de transporte e de construção", diz.

A movimentação para atrair empresas do setor para o Brasil é intensa e deve ter impulso com as descobertas no pré-sal. "As perspectivas de reservas do Brasil vão mudar a escala de operação das encomendas, da manutenção e de tudo associado tanto à exploração quanto à produção de petróleo em alto-mar", prevê Elói Fernandez, presidente da Onip.

A atividade exploratória no Brasil, que mede o apetite das empresas por descobertas, deve aumentar. Se no início da década existiam 59 sondas de perfuração no Brasil, tanto em terra como no mar, hoje esse número su-

biu enormemente. São 109 desses equipamentos — alguns alugados por US\$ 600 mil por dia — operando no país, sendo 91 com a Petrobras, cinco com a OGX, duas com a Repsol, outras duas com a Anadarko. Shell e Chevron operam uma sonda cada uma.

Na última década a presença estrangeira começou a ser notada, mas o número de plataformas produzindo petróleo e gás não deixa dúvidas sobre a hegemonia da Petrobras, que tem hoje 118 plataformas de produção, enquanto a Shell, Chevron e BP somam, juntas, quatro embarcações produzindo.

Mas isso deve ser apenas o começo de uma profunda transformação. Se as mudanças do marco legal em 1998 só agora começam a trazer investimento estrangeiro em grandes proporções para o Brasil, quatro projetos de lei em

votação no Congresso Nacional podem alterar o setor nas décadas que virão. O que se propõe agora é que a Petrobras se torne a operadora única do pré-sal, limitando o papel das empresas estrangeiras a simples parceiras da Petrobras, que terá garantido 30% de todos os projetos.

O pagamento de royalties é tão polêmico que pode ser votado somente depois das eleições deste ano

O regime exploratório, que hoje é de concessão, também deve mudar para a partilha de produção, em que as empresas aceitam "trabalhar" em troca de apenas uma parcela do petróleo.

Também está em votação uma mudança na distribuição dos royalties e da Participação Especial — os dois encargos que incidem sobre a produção no país — que podem afetar profundamente os dois maiores produtores.

O Rio de Janeiro calcula que a nova distribuição trará uma perda anual de R\$ 5 bilhões na arrecadação, enquanto o Espírito Santo calcula uma queda de R\$ 400 milhões. O assunto é tão polêmico que pode ser votado só depois das eleições. Pelo menos no discurso, as estrangeiras dizem que gostariam de operar áreas, porque teriam oportunidade de gerenciar os projetos e trazer tecnologias para o Brasil. Já a Petrobras admite que precisará mudar sua operação e a logística de produção dada a distância das áreas do pré-sal.